

CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS PROVERBIAIS: UMA VISÃO SOCIOCOGNITIVA

Izabel Teodolina de JESUS¹

RESUMO: Com um enfoque nas limitações impostas por uma semântica puramente composicional à construção do significado das expressões linguísticas, o presente estudo descreve a rede das construções condicionais universais do tipo [Quem P, Q], explicando-a a partir do *princípio cognitivo da mesclagem*, capaz de amalgamar heranças de múltiplas construções; e discute a produtividade das construções condicionais universais proverbiais.

PALAVRAS-CHAVE: Idiomaticidade; composicionalidade; construção proverbial; projeção; mesclagem; linguística cognitiva.

Introdução

O estudo das *construções condicionais universais proverbiais*, do tipo [Quem P, Q], insere-se nas discussões da Linguística Cognitiva (doravante LC), cuja proposta fulcral é pensar os processos de integração conceptual e formal das construções linguísticas, englobando os fenômenos linguísticos considerados “residuais” pela tradição formalista, tal como a idiomaticidade. A análise é uma contraposição à concepção do significado sentencial como resultado da soma dos significados de seus itens lexicais, ou seja, é uma resistência ao **princípio da pura composicionalidade**. A análise dessas construções visa a demonstrar, em primeiro plano, que os idiomas frasais proverbiais integram uma **rede de construções** em que é possível depreender-lhes o caráter de regularidade, analisabilidade e produtividade, configurado em três níveis: *idiomas abertos, semi-abertos e formulaicos*.²

Através da postulação da rede de construções condicionais universais proverbiais, as complexas operações de integração conceptual e formal nesses idiomas frasais podem ser pistas vigorosas do poder projetivo, imaginativo, da mente humana, manifesto na linguagem. Isso contribui para desmitificar o provérbio como *expressão da pobreza vocabular e imaginativa*.

¹ Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras - UFJF - 36100-000 - Juiz de Fora - MG - Brasil. Endereço eletrônico: izabeltj@yahoo.com.br

² *Idioma* se refere aos idiomatismos em geral (FILLMORE, 1979, 1988; GIBBS, 1994; TAGNIN, 1989). Aqui, refere-se a todos os níveis da rede de construções. *Expressão idiomática*, porém, refere-se apenas às construções formulaicas.

Pressupostos teóricos

As construções condicionais universais proverbiais são analisadas à luz da Hipótese Sociocognitiva de Linguagem (SALOMÃO, 1999) que enfeixa construções teóricas cognitivistas de: Lakoff (1987), Johnson (1987), Turner (1996); a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994) e a Gramática das Construções (doravante GC) (FILLMORE, 1979, 1988; GOLDBERG, 1995; MANDELBLIT, 1997). Dando relevo ao contexto nos processos de significação, ancora-se ainda nos estudos da interação verbal de Goffman (1998), Tannen (1998), Clark (2000) e Gumperz (1998).

A Teoria dos Espaços Mentais erige uma semântica capaz de conferir ao fenômeno da integração conceptual um trato dinâmico, processual, valendo-se de categorias cognitivas tais como *Modelos Cognitivos Idealizados* (doravante MCIs) e *molduras comunicativas, Espaços Mentais* (doravante EM) e *mesclagem, metáfora e metonímia*. Goldberg (1995) postula a integração em termos de fusão e elos entre múltiplas construções. Mandelblit (1997), Turner (1996) e Salomão (2002) postularam um processo cognitivo mais dinâmico - a mesclagem de estruturas complexas para formar uma *construção*. Na integração de postulados, a LC aglutina **forma** (gramática e léxico) e **sentido** (semântico-pragmático), focando o discurso real (atestado).

A Hipótese Sociocognitiva da linguagem: o relevo do contexto

Salomão (1999, p.12) postula a Hipótese Sociocognitiva, guiando-se pela premissa de que “o sinal lingüístico (em concomitância com outros sinais) guia o processo de significação diretamente no contexto de uso”. Sua análise dos fenômenos lingüísticos se dá a partir das relações entre linguagem, cognição e contexto de uso real. Uma hipótese básica acerca da cognição é que na atividade discursiva ocorrem vários processos cognitivos. Compreende, assim, que “o princípio nuclear da cognição humana corresponde à **projeção entre domínios**, desta forma operando produção, fracionamento da informação, transferência e processamento do sentido” (SALOMÃO, 1988 apud MIRANDA, 2000, p.59).

Cognição humana: domínios de conhecimento, projeções e mesclagem

Os **domínios** de conhecimento são definidos a partir de duas naturezas: *estáveis* e *locais*. Os *estáveis* são “estruturas de memória pessoal ou social” (MIRANDA, 2000, p.61), também chamadas esquemas ou *frames* (conjunto de conhecimentos culturais e sociais estruturados sobre situações: *viagem, casamento...*). São subcategorizados em: MCIs (estruturas que organizam nosso conhecimento); *Molduras Comunicativas* (conhecimentos operativos que identificam a natureza da interação) e Esquemas Genéricos

- esquemas de conceitos configurados de forma mais abstrata) (SALOMÃO, 1999).

Os domínios *locais* operam o processamento cognitivo, respondendo pelo fluxo discursivo. Eles estão na memória de curto prazo e são suscitados por marcas lingüísticas e contextuais, enquanto pensamos e falamos. São chamados Espaços Mentais (EM) (SALOMÃO, 1999; MIRANDA, 2000).

Na forma subjetiva, são estruturados por domínios estáveis; na objetiva, podem ser marcados por: sintagmas, sentenças, marcas de tempo e de modo verbal. Exemplo: *crença* (Eu creio que...); *hipótese* (Se eu ganhar as...); *contrafactualidade* (Se eu fosse...); *tempo* (Na noite de ontem, houve...); *drama* (No filme X...); *lugar* (Em São Paulo, ...) (FAUCONNIER, 1994; MIRANDA, 2000). Conforme Miranda (2000, p.67), "em EM distintos, as entidades são descritas em termos de duas contrapartes: (1) papéis definidos por MCIs e molduras comunicativas e (2) valores para esses papéis. A relação entre as contrapartes é efetuada pelo Princípio da Identificação (I)". Em "No filme Menino Maluquinho, a atriz loura, Patrícia Pilar, é morena", há um construtor de EM de drama (D), *no filme*, que difere do EM de base (B). A atriz loura em B (α) tem uma contraparte em D (α') que é morena, conforme Figura 1.

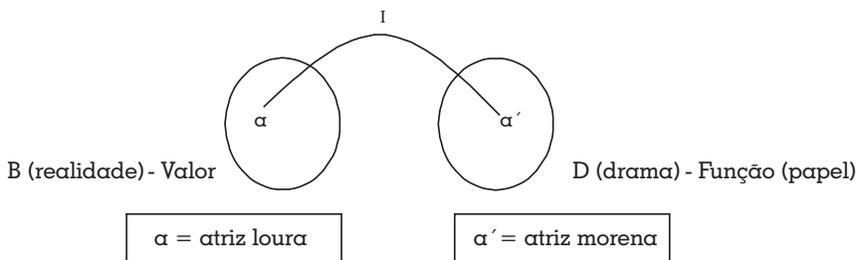


Figura 1: Configuração dos EMs Realidade e Drama (cf. FAUCONNIER, 1994, p.14)

As **projeções** têm relevo especial no trato dos fenômenos lingüísticos caracterizados pelo caráter figurativo. No processo cognitivo, *projetamos* parte de um domínio em outro, e tal operação é responsável pela integração e dinamicidade de nosso conhecimento. As projeções têm como base a metáfora e/ou a metonímia, características básicas da cognição.

A *metáfora* é a projeção de um domínio *fonte* sobre um domínio *alvo*.³ É uma das principais estruturas cognitivas que nos habilitam para construirmos sentidos. A *metonímia* é a projeção em que se faz uso de uma entidade para referir-se a uma outra com a qual se relacione.

³ A Teoria dos Espaços Mentais trata as metáforas em termos de projeções mais complexas, envolvendo mais domínios em um processo cognitivo de mesclagem.

Lakoff e Johnson (1980) demonstram que também utilizamos, rotineiramente, metáforas conceptuais. Dentre essas, estaria "TEMPO É DINHEIRO". Nesse processamento, extraímos do conhecimento cultural (domínio fonte) as informações sobre o dinheiro - "*dinheiro é mercadoria valiosa ou recurso limitado*" para nos expressarmos sobre o tempo (domínio alvo) a fim de atribuir-lhe os mesmos valores atribuídos a dinheiro, como em *Não vou investir tempo neste negócio*, etc. Pela metáfora os conceitos são estendidos.

Pela nossa capacidade de manipular redes de mapeamentos entre domínios é que emergem novas significações e conceptualizações. Grande parte desse poder criativo da mente é compreendido como resultado de uma operação cognitiva que implica múltiplas projeções e integra diferentes domínios: a **mesclagem** (*blending*, em FAUCONNIER, 1997).

A *mesclagem* é entendida como uma operação cognitiva genérica que está presente nos diversos processos criativos (arte, construções lingüísticas, etc.). Tal processamento implica esta configuração: dois domínios de conhecimento (*Inputs* 1 e 2); um terceiro domínio, o *espaço genérico*, que reflete as estruturas dos dois *inputs*, definindo a correspondência entre esses espaços; e um quarto domínio, o *espaço mescla*, que combina propriedades de ambos os *inputs*, mas também apresenta propriedades originais e organização estrutural própria, que é a sua estrutura emergente (FAUCONNIER, 1997; MIRANDA, 2000).

Os domínios integrados equivalem a conhecimento lingüístico, enciclopédico, social, etc., dos quais se extraem os *inputs* para a mesclagem. Podem ser *eventos, atividades, papéis sociais, etc.* Na linguagem, há significados produzidos a partir de irradiações de conceitos já existentes. A expressão "vírus de computador", por exemplo, advém de sabermos que o organismo humano (domínio biológico) pode ser atacado por *vírus*, que vai provocar-lhe alguma doença e/ou dano. A metáfora conceptual CORPO É MÁQUINA nos possibilita "ver" o computador (máquina) como organismo. Mesclando tais conhecimentos, temos a metáfora COMPUTADOR É ORGANISMO, que nos permite uma nova projeção: a expressão lingüística "vírus de computador". Tal expressão referencia um tipo de *programa* destinado a danificar os dados armazenados no **sistema** (domínio de artefato) de modo a comprometer sua integridade, assim como acontece com o **organismo** humano vitimado por uma doença virótica. Nesta mesclagem, ocorre um processo de integração multidirecional, bem distinto do processo de integração composicional linear.

Imaginação e pensamento: a mente literária

Turner (1996) postula a imaginação narrativa como atividade fundamental da cognição, indispensável à racionalidade, e caracteriza a

mente como *literária*, pela sua capacidade de conjugar imaginação e racionalidade ao fazer projeções.

A imaginação narrativa, isto é, a história, é o instrumento fundamental do pensamento. As capacidades racionais dependem dela. Ela é nosso modo chefe de olhar o futuro, de predizer, de planejar e de explicar. [...] **A projeção** de uma história em outra [...] é também, como a história, um instrumento fundamental da mente. As capacidades racionais dependem dela. É uma capacidade literária indispensável à cognição humana. (TURNER, 1996, p. 4-5)

Em sua visão, o ser humano vivencia diversas histórias no ambiente em que interage, as “proto-narrativas” (“histórias espaciais”). Estas projetam-se e vão formar domínios conceptuais básicos para a construção dos significados. Turner propõe que a mente desenvolve uma atividade diária e fundamental que é **a projeção de uma história em outra**. Essa capacidade projetiva e imaginativa é chamada **parábola**, que concentra muitas informações em pouco espaço. Segundo o autor, há um “padrão” mental da parábola, que é: *predição, avaliação, planejamento e explicação*, que serão cruciais à definição da função pragmática das construções proverbiais deste estudo.

Um ponto relevante dessa hipótese consiste na postulação de que o mesmo processo de projeção estrutura a linguagem, ou seja, a gramática: *A mente literária precede a mente gramatical!* Uma história abstrata básica é projetada para criar um tipo básico de estrutura gramatical. Dessa forma, os elementos presentes na parábola - atores, objetos, eventos, ação - vão comparecer na estrutura gramatical como sujeitos e/ou objetos.

A Gramática das Construções

Ao propor um novo trato para a integração conceptual e formal, a LC insere em seu escopo, em posição central, a categoria da CONSTRUÇÃO. Nos termos de Lakoff (1987, p.467), a **construção** gramatical é “um par forma-sentido (F, S), onde F é um conjunto de condições da forma sintática e fonológica e S é um conjunto de condições de significado e uso”.

O estudo das construções tem se mostrado mais intenso e rigoroso e diversos teóricos elegem a análise processual para a construção do significado, considerando o processo cognitivo de *mesclagem* como crucial para o equacionamento de uma gramática das construções. Em síntese, propõem que uma abordagem construcional deve ser capaz de caracterizar toda a classe de construções existentes no repertório de uma língua.

Goldberg (1995) descreve cinco tipos de construções básicas, constituídas a partir da associação entre *uma estrutura argumental básica e uma cena dinâmica, básica à experiência humana*. As construções e sua semântica básica são: *ditransitivas (X CAUSAR Y RECEBER Z)*; *movimento*

causado (X CAUSAR Y MUDAR Z); *resultativas* (X CAUSAR Y TORNAR-SE Z); *movimento intransitivo* (X MOVER Y); *conativas* (X DIRIGIR AÇÃO A Y).

Segundo a autora, a integração verbo-construção se dá a partir da análise das combinações particulares de *papéis* que designam cenas humanamente relevantes e que são associados com a *construção de estrutura argumental*. A natureza do significado verbal é descrita em termos de papéis dos participantes que se distinguem dos papéis associados à construção, os argumentais, como no exemplo (1), figuras 3 e 4 (GOLDBERG, 1995).

(1) *Joana espirrou o guardanapo para fora da mesa*

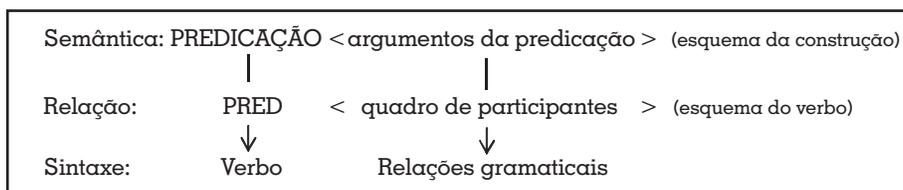


Figura 3: Fusão abstrata dos esquemas verbo-construção

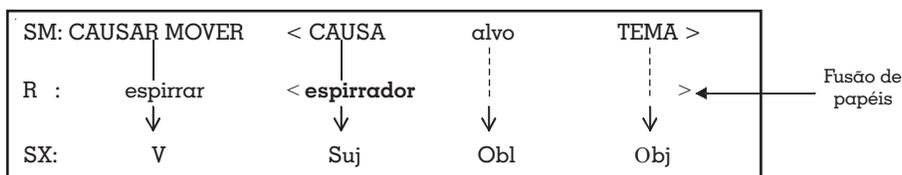


Figura 4: Fusão da construção movimento causado *Joana espirrou o guardanapo para fora da mesa*

A semântica da construção é CAUSAR MOVER. Os papéis obrigatórios fundidos (verbo+construção) são indicados pela linha contínua, os papéis não obrigatórios são indicados pela linha tracejada e os argumentos relevados são indicados em negrito.

Hipóteses básicas da Gramática das Construções

1. *A continuidade essencial* entre léxico e gramática, pois ambos são pares forma-sentido;
2. *A indissociabilidade* entre Semântica e Pragmática;
3. O *caráter gerativo* da gramática - análise e explicação dos elos entre as construções centrais e as "periféricas" e "residuais", pelos mesmos princípios (motivação e herança);

4. *A monoestratalidade* da gramática - um único estrato analítico para léxico e gramática em sua constituição sintático-semântico-pragmática, sem derivações e transformações.

Elos (*links*) entre construções

Goldberg (1995) postula como hipótese que as construções não formam um conjunto aleatório, mas constituem uma **rede** organizada por **relações de herança** que **motivam** as propriedades das construções particulares. A herança permite capturar não só generalizações, mas também as ditas exceções e irregularidades das construções. A autora apresenta alguns princípios relevantes à organização da linguagem:

1. Princípio da motivação maximizada - Se uma C_A relaciona-se com uma C_B , o sistema de C_A relaciona-se semanticamente com a C_B .
2. Princípio da não sinonímia - Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem-se diferenciar semanticamente ou pragmaticamente.
3. Princípio da expressividade maximizada - o repertório de Cs será maximizado do ponto de vista da suficiência comunicativa.
4. Princípio da economia maximizada - o repertório de Cs será referenciado pelas necessidades comunicativas e não as excederá.

As relações de **motivação**, sintáticas e semântico-pragmáticas, podem ser capturadas a partir da identificação de "*links de herança*", os quais possibilitarão a determinação das diferenças e das semelhanças entre construções relacionadas, i.e., entre REDES. Goldberg (1995) propõe quatro tipos de *links*, quais sejam, *polissemia*, *relação entre subparte*, *extensão metafórica* e *instanciação*, descritos a seguir:

- a) *Polissemia* (L_p) captura a natureza da relação semântica entre um sentido particular de uma construção e qualquer extensão.
- b) *Subparte* (L_s): uma construção é subparte de uma outra, existindo independentemente.
- c) *Extensão metafórica* (L_m): duas construções são relacionadas metaforicamente se a semântica da construção dominante for mapeada na semântica da construção dominada.
- d) *Instanciação* (L_i): uma construção é motivada por outra construção (pode haver associação com outras construções, i.e., múltipla herança).

A gramática das construções e o processo cognitivo de mesclagem

Turner (1996), Mandelblit (1997) e Salomão (1999, 2002, 2003) salientam a multidirecionalidade dos processos de integração conceptual-formal das construções, i.e., o princípio de **mesclagem**.

Mandelblit (1997) assume que "o processo de *integração lingüística* ocorre em paralelo ao processo de *integração conceptual*" [grifo da autora] (ver esquema proposto na seção *Análise*). Salomão (2003, p.9) enfatiza o contexto e a mesclagem como imprescindíveis para explicar e interpretar, principalmente, as construções inéditas. Em seus termos, existem criações lingüísticas cuja descrição seria impossível se mantido o "*tratamento tradicional de composicionalidade*" [grifos da autora].

A GC, portanto, agrega **composicionalidade** e **multidirecionalidade** sob o princípio cognitivo da *mescla*. Nesse enquadre, "*a composicionalidade, posta em termos de princípios de composição substantivos é preservada e vista como parte do processo genérico de integração lingüística, não como o seu todo*" (MIRANDA, 2003).

Construções condicionais universais proverbiais - Análise Hipótese

A Língua Portuguesa dispõe de um imenso repertório de construções. Dentre essas, encontra-se a **construção proverbial**, articulada a uma rede de construções com graus distintos de idiomaticidade. Os **provérbios**, como parte da memória coletiva, são construções proverbiais situadas no topo da escala de idiomaticidade.

A rede de construções proverbiais

Corroborando o Princípio da Motivação, que evidencia o funcionamento relacional do sistema lingüístico, há uma configuração sintático-semântica predominante na estrutura de diversos provérbios: a construção condicional [x P, Q], motivadora de uma ampla e complexa rede de construções proverbiais, identificada a seguir:

| | |
|-------------------|---|
| [Se P, Q] | (2) " <i>Se o general é forte não existe soldado fraco</i> " |
| [Quem P, Q] | (3) " <i>Quem com ferro fere, com ferro será ferido</i> " |
| [O que P, Q] | (4) " <i>O que não mata, engorda</i> " |
| [Tudo que P, Q] | (5) " <i>Tudo que sobe, desce</i> " |
| [Quando P, Q] | (6) " <i>Quando a esmola é demais, o santo desconfia</i> " |
| [Aquele que P, Q] | (7) " <i>Aquele que dá passadas muito largas não pode andar</i> " |

Dentre esse conjunto de construções condicionais proverbiais, a condicional universal [Quem P, Q] apresenta-se como mais produtiva. Nesta análise, postulamos, para a semântica da condicionalidade, configurada sintaticamente em [Quem P, Q], uma REDE DE CONSTRUÇÕES que pode ser configurada nos seguintes níveis: *idiomas abertos*, *idiomas semi-abertos* e *idiomas formulaicos*, assim caracterizados e exemplificados:

(1) **Idiomas “abertos”**: construções mais genéricas da rede (matrizes), lexicalmente abertas, e definidoras da regularidade do sistema. Não apresentam traços de idiomaticidade.

(8) *Quem é demitido por justa causa, tem direito a 40% do saldo do FGTS*

(9) *Quem mora perto de rios, corre risco de inundações*

(2) **Idiomas “semi-abertos”**: construções proverbiais não cristalizadas, criadas no dia-a-dia, com base na estrutura proverbial. Apresentam a configuração sintático-semântica das genéricas, mas trazem traços de idiomaticidade.

(10) *Quem paga, manda*

(11) *Quem bate cartão, não vota em patrão*

(3) **Idiomas formulaicos**: são provérbios já cristalizados na comunidade de fala. São marcados por traços idiomáticos.

(12) *Quem corre, cansa*

(13) *Quem semeia vento, colhe tempestade*

Construção condicional universal genérica - idioma aberto **Os traços sintáticos e semântico-pragmáticos**

Os idiomas abertos situam-se na “ponta inicial” da rede, identificando a estrutura sintática regular do conjunto das condicionais. Como condicional, a construção universal se estrutura através de orações casadas como *prótase* (*Quem paga o IPVA em cota única*) e *apódose* (*tem desconto de 10%*). A *prótase* é tópico e desempenha a função sintática de sujeito. Temos, pois, uma **construção condicional subjetiva**. A *prótase* expressa uma condição para o resultado expresso na *apódose*. Assim, há uma relação de **implicação** entre *prótase* e *apódose* presente na condicional [Quem P, Q] que define um duplo foco na construção, i. e., na causa e no efeito.

Segundo Ferrari (2001, p.4), “o uso de condicionais nas línguas naturais requer que os eventos descritos na *prótase* e na *apódose* sejam relacionados”. A autora assinala que o evento P é uma condição suficiente para a ocorrência do evento Q.

Para a LC, no processo de produção-interpretação, a forma lingüística fornece as orientações para a interpretação realizada pelo falante/ouvinte, confirmando que o *significante* é uma pista para a construção de sentido (FAUCONNIER, 1994). No processamento do sentido das condicionais universais em questão, a orientação decorre do uso do quantificador universal lexicalmente especificado “quem”.

Segundo Ilari (2001), quantificadores são expressões lingüísticas com a função de limitar a aplicação das propriedades expressas pelos demais sintagmas. Nos termos de Mateus et al (1989), as operações que respondem pelos valores referenciais de uma totalidade de elementos, em um conjunto, são operações de quantificação universal.

O quantificador “quem” é um Construtor de EM (assim como: *se, qualquer,...*) e, como tal, o instanciador da operação de relação entre prótase/apódose α que Fauconnier (1997) denomina *matching*. O *matching* é uma operação de dois EM interligados, em que o espaço Fundação (F) implica o espaço Expansão (E). No caso das condicionais universais em estudo, tal operação instancia o esquema genérico [Quem P,Q] (Figura 5).

Espaço de Foco

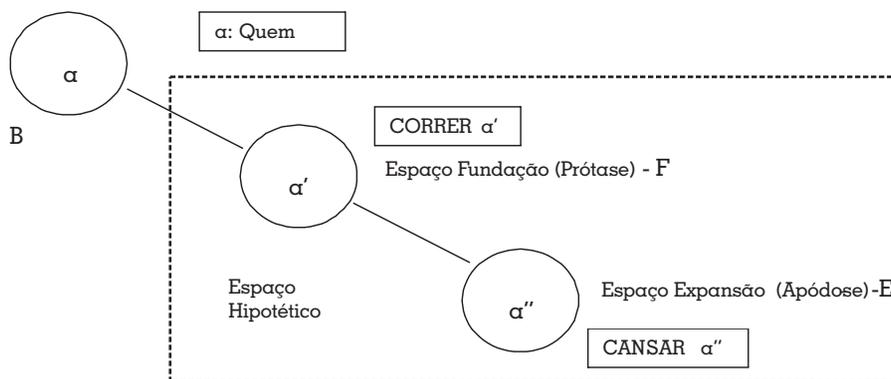


Figura 5: Operação de *matching* (Quem corre cansa) - (FAUCONNIER, 1997)

Na configuração, há um mundo real (base B) e um mundo hipotético: no espaço mental de hipótese (Fundação - Expansão), qualquer pessoa que *agir* (Ex.: “Quem corre...”) irá *causar* um efeito sobre alguém (geralmente ela mesma. Ex.: “...cansa”).

Outro traço lingüístico das condicionais aqui identificadas é a não restrição ao modo verbal, que pode ser tanto o Indicativo como o Subjuntivo, no presente, passado e futuro:

- (14) “Quem não sabe ler, tem medo das novidades” (trabalhadora rural pernambucana)
- (15) “Quem esteve na Lua já não tem mais metas na Terra” (astronauta)
- (16) “Quem der um pio, vai para fora da sala” (professor)

As construções condicionais genéricas pertencem a uma **categoria** de construções. Conforme Lakoff (1987), na LC, as semelhanças entre os

componentes das categorias é que vão defini-las; entretanto, as propriedades dos membros podem ser assimétricas. Dessa forma, uma identificação da categoria pode ser feita pela eleição de um membro que melhor represente essa categoria, caracterizando os “efeitos de prototípia”.

Do ponto de vista pragmático, as condicionais universais cumprem a **função de informar**. Podem, ainda, ser utilizadas para influenciar o comportamento do receptor. Isso nos permite formular a hipótese de que as construções condicionais subjetivas genéricas exercem tanto a **função assertiva** quanto a **diretiva**.

Os traços sintático-semântico-pragmáticos prototípicos das genéricas são: fórmulas sintáticas lexicalmente abertas; estrutura em *matching*: prótase/apódose; prótase: tópico e sujeito oracional; apódose: predicado; tempo e modo verbal: não restrição; quantificação universal (quem); duplo foco na construção (na causa e no efeito); caráter assertivo e diretivo.

A genealogia da construção condicional universal subjetiva genérica

A construção condicional universal subjetiva genérica se origina de uma múltipla herança, tendo como construções dominantes a **construção sujeito-predicado genérica** e a **construção condicional canônica genérica** (Figura 6).

A semântica da construção sujeito-predicado é configurada de forma aberta, para contemplar as múltiplas possibilidades de instanciação, em termos de relações semânticas e sintáticas. Pragmaticamente, o sujeito é tópico. A construção condicional canônica genérica apresenta orações encaixadas (Figura 5), em que prótase (fundação-S1) *implica* apódose (expansão-S2). Pragmaticamente, a prótase é tópico. Outra motivação é a quantificação instanciada por “quem”, que dá um caráter universal à construção. Em “*Quem corta árvores, recebe multa do Ibama*”, demonstramos a rede de herança múltipla da construção condicional subjetiva (Figura 6):

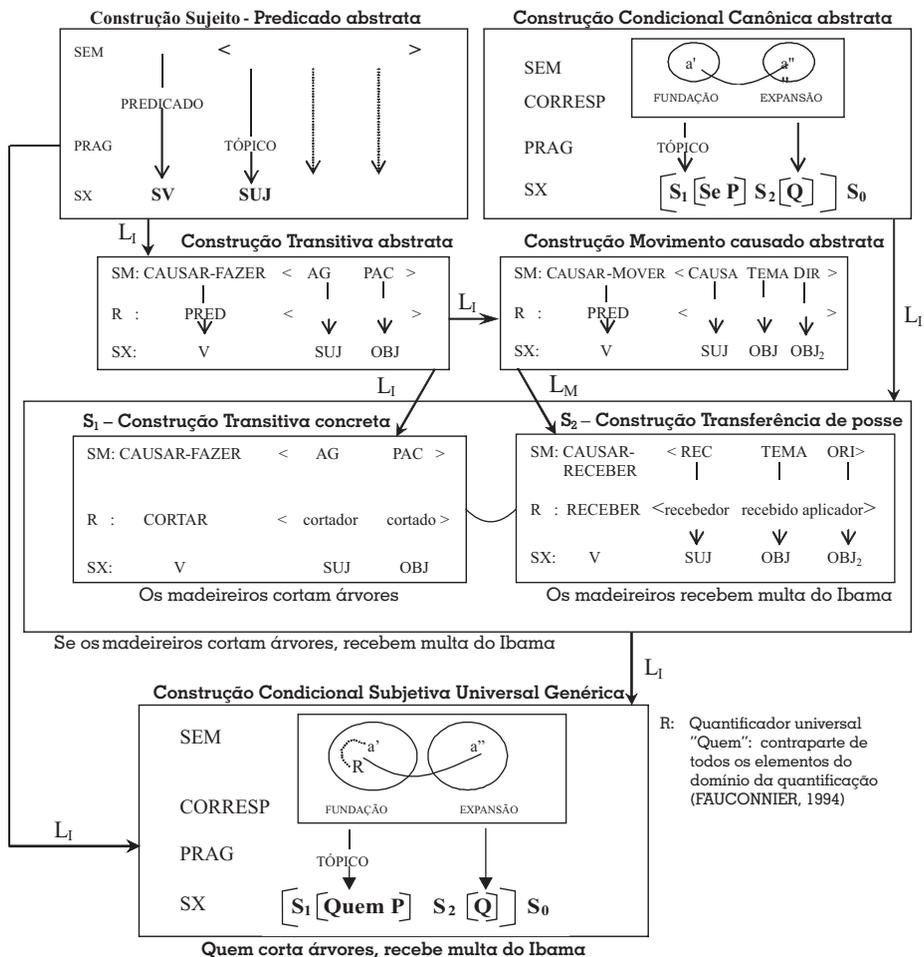


Figura 6: Relação de motivação e herança

Há diversos *links* para que a construção *Quem corta árvores, recebe multa do Ibama* seja instanciada.⁴ As etapas dessa herança (figura 6) podem ser assim descritas:

- I. A construção Sujeito-Predicado e a construção Condicional canônica dominam a configuração sintático-semântico-pragmática da construção.
- II. A construção Transitiva (dominada pela construção Sujeito-Predicado) motiva a S₁.

⁴Os papéis (AG)ente, (PAC)iente, (ORI)gem e TEMA são definidos em Saeed (1997).

- III. A construção Movimento Causado (herdeira da transitiva) é instanciada e motiva construção Movimento Causado de Transferência de Posse (link por extensão metafórica).
- IV. A construção Transferência de Posse motiva S_2 , a apódose.
- V. O pronome indefinido "quem", construtor do EM de hipótese, é instanciado, conferindo à construção o caráter de generalização (FAUCONNIER, 1994, 1997).
- VI. A construção condicional universal genérica resultante (17) é uma construção instanciada a partir dos *links* de instanciação e extensão metafórica entre construções (GOLDBERG, 1995). Esse processo é uma mesclagem de diversas configurações sintático-semânticas de diferentes construções específicas, para gerar uma construção genérica.

Construções condicionais universais proverbiais: idiomas semi-abertos e formulaicos

As construções proverbiais situam-se no topo da escala de idiomatidade. A construção proverbial se diferencia da genérica pelos **pontos de idiomatidade**.

Segundo Tagnin (1989) e Gibbs (1994), há um "grau de idiomatidade" nos idiomas. Comparando de vez em quando com *Quem semeia vento, colhe tempestade*, vemos que apenas a configuração sintática do segundo é previsível na língua. O sentido do primeiro é dado por convenção, mas o do segundo, por múltiplas projeções sociocognitivas.

Pontos de idiomatidade são marcas formais, semânticas, pragmáticas e prosódicas definidoras da estrutura formulaica dos idiomas. Os **pontos de idiomatidade** das construções em questão são: *estrutura semântica e prosódica binomial, uso prototípico do tempo verbal - presente, objetivo comunicativo, função projetiva e função diretiva*.⁵

A fórmula e a função mnemônica do provérbio

A construção condicional universal proverbial possui característica formular, uma forma breve, de **estrutura binomial**. Além do emparelhamento sintático, os dois pólos da construção apresentam-se, geralmente, emparelhados prosódica e semanticamente.

Nos traços prosódicos, destacam-se as **rimas** (*Quem não trabuca, não manduca*), a assonância (*Quem conta um conto aumenta um ponto*), a **aliteração** (*Quem com ferro fere, com ferro será ferido*) e até a **métrica** (*Quem tem capa, sempre escapa*). A inversão na ordem é outro recurso na

⁵Os traços de idiomatidade não se apresentam apenas nas condicionais universais proverbiais aqui tratadas, mas também em outras redes de construções proverbiais não contempladas neste estudo.

construção (*Bem fala, quem cala*). Semanticamente, ocorre **paralelismo** (*Quem tudo quer, tudo perde*) e **antítese** (*Quem muito abarca, pouco aperta*).

Esses aspectos se transformam em um poderoso recurso mnemônico, revelando a imaginação do ser humano ao transformar suas histórias ou experiências diárias, de versões complexas para versões mais simplificadas, pois o provérbio é um relato condensado.

O tempo verbal e a função comunicativa do provérbio

O tempo verbal prototípico: o presente do indicativo⁶ não designa necessariamente o momento da fala. Garcia (1988, p.70) aponta o caráter de habitualidade ou freqüência desse tempo, caracterizando-o como “presente universal ou acronístico”, com que se expressam “fatos habituais, perenes, notórios, conceitos filosóficos ou morais, em tom sentencioso ou proverbial”. Para Koch (2002, p. 37), o presente indica ações atemporais ou hábitos e marca uma “atitude comunicativa de engajamento, de compromisso”, sendo o tempo canônico do discurso argumentativo. Na perspectiva de Ferrari (2001), o uso do presente do indicativo sinaliza o caráter factual do espaço condicional, assinalando uma postura epistêmica positiva do falante. A postura epistêmica é a tendência subjetiva diante da referencialidade de uma situação. Em outros termos, é o compromisso com a situação comunicativa e com o que é anunciado (MIRANDA, 2000). O caráter factual sinalizado pelo presente constitui imposição de força no discurso já que o falante se vale dessa forma verbal para predizer, ao mesmo tempo que tenciona aconselhar ou avaliar.

Se o tempo verbal presente instaura uma imposição de força, acentuando o caráter impositivo do enunciado, a escolha da construção proverbial, como um gênero frasal, pode ser também um recurso de atenuação discursiva, uma estratégia de modalização.

A modalidade, na abordagem da Hipótese Sociocognitiva, é um operador sobre domínios discursivos. Conforme Miranda (2000), a modalidade revela-se como um instrumento lingüístico usado pelo falante para **gerenciar o drama interativo**. Enfatiza-se, assim, o caráter dinâmico e partilhado da construção do significado. Enquanto participantes da cena discursiva, falante e ouvinte vivem o drama da interação, numa atividade contínua de negociar espaços para desempenhar seus papéis. Para gerenciar a atividade discursiva, para definir quem ganha ou perde, o falante pode expressar-se lingüisticamente de forma mais impositiva (imposição de forças) ou mais atenuada (suspensão de barreiras), alternando posições discursivas enquanto executa o trabalho de proteção e defesa da face.⁷

⁶ Podem ser registrados provérbios em outros tempos verbais, mas com menor incidência: “*Quem pariu Mateus que o embale*”, “*Quem nunca comeu melado, quando come se lambuzo*”, etc.

⁷ Em termos de interações sociais, a face é definida por Goffman (1980, p. 70) como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma”.

No drama, escolher o que (como) falar é crucial para que o falante atinja o objetivo no processo comunicativo. É por meio do poder projetivo que o provérbio cumpre sua função comunicativa e se constitui como uma importante estratégia discursiva de herança milenar.

A função projetiva e diretiva do provérbio

Em todas as atividades imaginativas, ocorrem projeções. O significado de um provérbio será instanciado numa situação em que os constituintes da história fonte (provérbio) encontram suas contrapartes na história alvo (uma nova situação no mundo real). Se a cada nova situação há uma nova significação, o uso do provérbio desde a antiguidade é mais uma evidência do poder cognitivo da mente e não da “simplicidade” da construção formular, que, pela dimensão proverbial, demonstra ser uma poderosa estratégia gramatical para a inserção de uma linguagem diretiva.

As construções condicionais universais, genéricas e proverbiais, se diferenciam, prototipicamente, pelos atos de fala. As genéricas são tanto **assertivas** quanto **diretivas**, enquanto as proverbiais são, por excelência, **diretivas**. Como estratégias de modalização, consideramos dois tipos de modalidade na construção: a epistêmica e a deôntica.

Segundo Miranda (2000, p. 137), a modalidade epistêmica “opera sobre o eixo da crença, reportando o conhecimento sobre um estado de coisas”. É o desenvolvimento de um raciocínio sobre a *possibilidade/necessidade* de algo acontecer. A deôntica opera sobre o eixo da conduta, situando o domínio do dever (*obrigação/permissão*). Assim, aventamos a hipótese de uma polissemia na rede de construções condicionais universais, de modo a estabelecer-se um continuum entre o ato assertivo (modalidade epistêmica) e o diretivo (deôntica). Não delimitamos fronteira entre assertividade e diretividade na rede, propomos, sim, um grau mais extensivo da função diretiva na construção proverbial.

Na seqüência, analisamos projeções metafóricas e metonímicas e o processo de mesclagem, participantes da construção do sentido do provérbio em discursos argumentativos reais, os quais constituem o contexto para atos de fala diretivos como: conselho, alerta, aviso, ameaça e sugestão.⁸ Demonstrando um desses atos, temos:

Alerta ou Aconselhamento

“*Quem com porcos se mistura, farelo come*”. Esse provérbio foi usado por um debatedor, num programa de TV, ao saber que um governador (de boa reputação no cenário político) sofrera críticas de seu vice-governador (de má reputação).

⁸ Mesmo propondo categorias de ações diretivas, ressaltamos que há um continuum e uma superposição entre essas ações de natureza diretiva. Ao aconselhar, pode-se estar alertando, avisando ou mesmo ameaçando.

Pela imaginação narrativa, o debatedor usa uma narrativa do mundo real, em que porcos são alimentados com farelo e outros animais procuram alimento no recipiente em que sua comida (farelo e outros) é servida, passando então a partilhar o mesmo alimento (adquire o mesmo hábito). Outro domínio de conhecimento é que esse animal habitualmente prefere a lama à água limpa para banhar-se, não se importando com a sujeira.

Na projeção do provérbio, o debatedor avaliou a história fonte em que um ator - outro animal - participa de um evento - *misturar-se com porco* - e isso causa outro evento: *comer a mesma comida* (adquirir o mesmo hábito). No processamento cognitivo, projetou essa história fonte na história alvo: o episódio aliança política. A mistura entre os atores é projetada na aliança; o ato de comer o farelo - refeição não natural ao ator - é projetado no recebimento das críticas feitas pelo vice ao governador, as quais caracterizam o final infeliz da aliança. Ao projetar os atores, o falante projeta o hábito de os suínos sujam-se na atitude humana de fazer mal a quem lhe faz bem. É uma projeção de um hábito (mais concreto - físico) em um comportamento (mais abstrato - psicológico).

Neste uso ocorre ainda uma projeção metonímica: porco como exemplo prototípico da categoria *sujeira*, estruturada nas metáforas conceptuais VIRTUDE É MAIS (cima) e VÍCIO É MENOS (baixo). Assim, pode-se conceber *limpeza* como *virtude* e *sujeira* como *vício*.

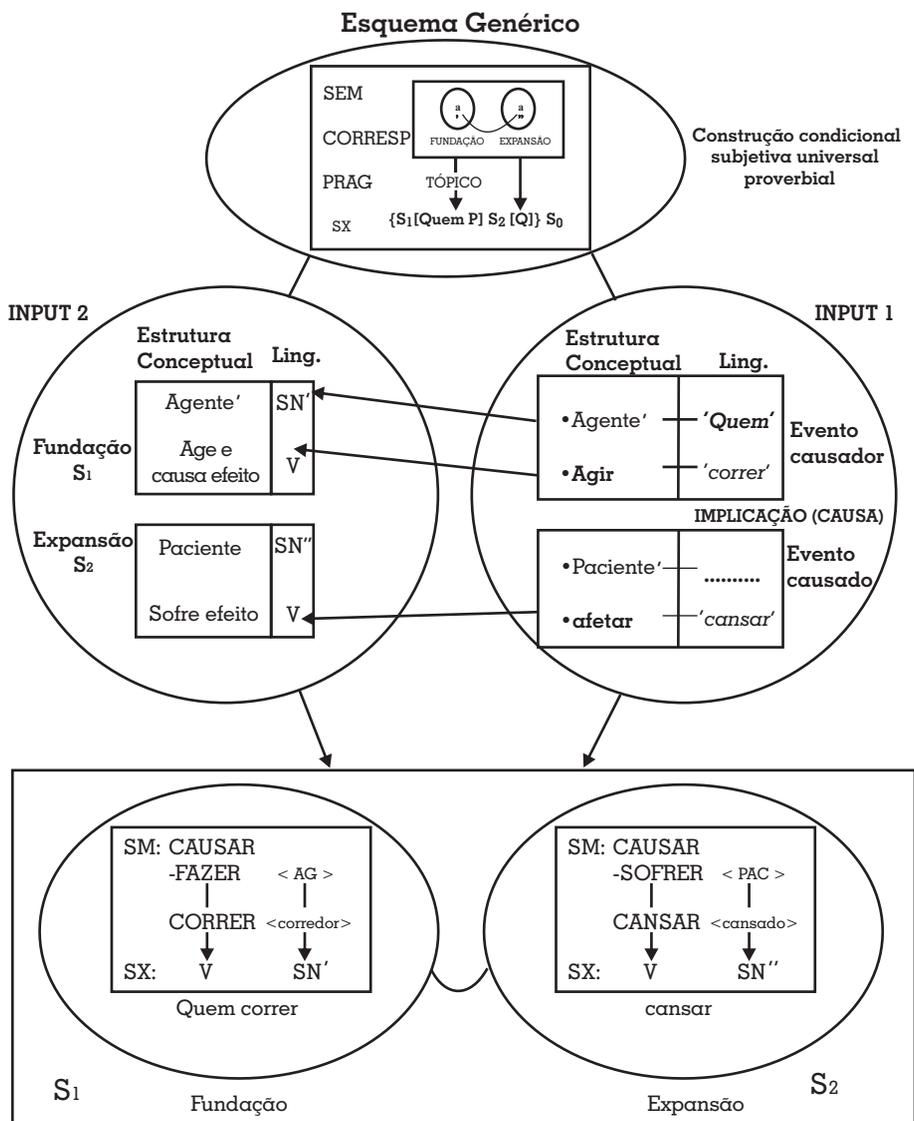
Nos termos deste estudo, as construções proverbiais são, pois, uma estratégia de modalização deôntica, distinguindo-se pragmaticamente das construções universais de que são herdeiras, nas quais apontamos as modalizações epistêmica e deôntica.

Em resumo, os traços sintático-semântico-pragmáticos prototípicos das construções proverbiais universais seriam: a) **Traços genéricos da rede**: estrutura em *matching*: prótase e apódose; prótase: tópico, sujeito oracional; apódose: predicado; duplo foco na construção (na causa e no efeito); quantificação universal. b) **Pontos de idiomaticidade**: tempo verbal prototípico: presente indicativo; estrutura semântica e prosódica binomial; função projetiva parabólica; função pragmática prototípica: ato diretivo (modalidade deôntica).

Construção condicional universal proverbial intransitiva - um idioma formulaico

Nosso foco é a **construção intransitiva** básica: afirmativa na prótase e na apódose. Um exemplo seria **Quem corre, cansa**, com descrição sintática e semântico-pragmática pelo processo cognitivo de mesclagem que lhe dá origem (cf. Figura 8).⁹

⁹ Para representar a mescla das estruturas conceptual e linguística (Inputs 1 e 2), evitando cruzar as setas sobre as demais informações, mantivemos o Input 2 à esquerda e o Input 1 à direita, como Mandelblit (1997).



MESCLA: Quem corre, cansa - Construção Condicional Subjativa Universal Proverbial

Figura 8: Operação de mesclagem subjacente à geração da construção Quem corre, cansa

Nos termos de Mandelblit (1997), o **Input 1** corresponde à seqüência de eventos no mundo: *alguém correndo* (subevento causador) e *ficando cansado* (subevento resultante) (relação de causa). Os participantes dos eventos e as atividades ou relações concebidos no mundo são identificados com papéis semânticos, tais como: *agente* e *paciente*; ou predicado, como: *agir* ou *afetar*. As entidades e atividades no mundo são associadas a itens lexicais (representação lingüística), os quais vão simbolizar os participantes (Quem), as atividades (correr, cansar) e assim por diante. O papel semântico do participante do primeiro evento é típico de agente, porém a ação é reflexiva, tornando-o um paciente (experenciador). O agente é identificado como "Quem"; o paciente - que neste caso é o mesmo agente - tem identificação zerada.

No **Input 2**, há uma caracterização abstrata da construção proverbial, com estrutura sintática e estrutura semântica conceptual associada a esta sintaxe. Sua configuração sintática expressa a relação de implicação entre os eventos 1 e 2. As funções semânticas da construção (agente, paciente) - Input 1 - são associadas às funções gramaticais na estrutura sintática [[SN' V] SN" V]; a ação é associada ao espaço do verbo da estrutura sintática (V). As setas descrevem o mapeamento entre as duas estruturas.

Neste exemplo, o **esquema genérico** é uma representação abstrata da construção condicional universal subjetiva proverbial com seus traços idiomáticos. Representando a fusão dos papéis (argumentos e participantes), no espaço mescla, temos S_1 e S_2 resultando na forma lingüística real "*Quem corre, cansa*". Na descrição de Mandelblit, essa construção é o resultado da integração da estrutura conceptual e dos itens lexicais do Input 1 (evento) com a estrutura sintática do Input 2 (construção). O processo de condensação de eventos envolve a operação de *matching* (Figura 5). A relação de implicação estabelecida entre prótase e apódose assegura o tom de advertência do provérbio. Com tal configuração, disponível como um conhecimento lingüístico acessível na língua, o falante procura levar o ouvinte a antever-se como o experenciador dos resultados de suas próprias ações.¹⁰

O traço metafórico

A metafóricidade e imaginatividade do pensamento diário são os mecanismos cognitivos que permitem analisar os provérbios como expressões lingüísticas nas quais diversas histórias estão implícitas e são projetadas metaforicamente (TURNER, 1996).

Pela metáfora conceptual VIDA É PERCURSO (MARTINS, 1999), projetamos *Quem corre, cansa*, estabelecendo uma correspondência entre

¹⁰ Há construções condicionais proverbiais cuja ação da apódose não é reflexiva: *Quem ama, educa; Quem canta não assobia; Quem avisa, amigo é, etc.*

a atividade deslocamento em um caminho - e a experiência - a atitude adotada diante da vida. Num CAMINHO, história fonte, um INDIVÍDUO pode deslocar-se de forma normal ou acelerada. Na VIDA, história alvo, um INDIVÍDUO pode agir precipitadamente (CORRER) e não ser bem-sucedido, tornando-se frustrado (CANSAR), conforme correspondência configurada na Figura 9.

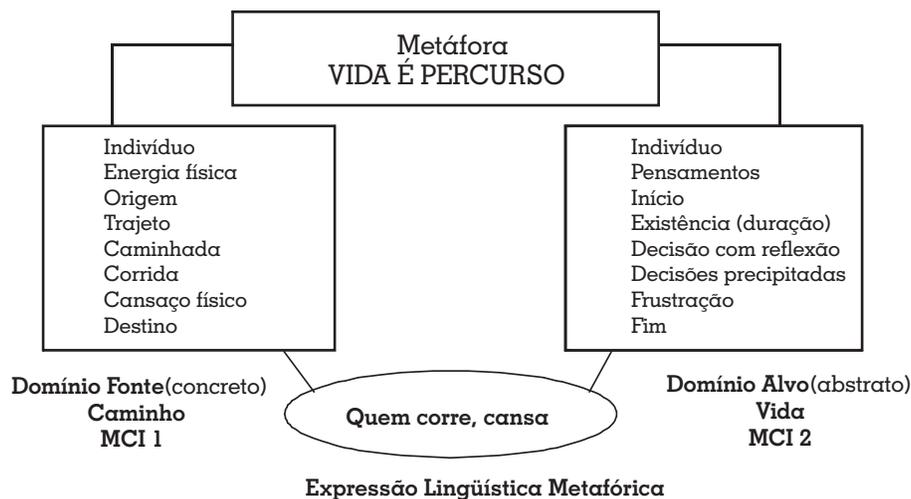


Figura 9: Configuração da projeção metafórica de VIDA É PERCURSO

As relações de herança

Pelo *link por instanciação* (L_1), a construção proverbial intransitiva pode motivar diversas outras construções (aqui apenas sinalizadas, Figura 10). Essa construção é, nos termos de Lakoff (1987), um “membro” central de uma categoria de construções, irradiando sua estrutura a outras e formando as redes.

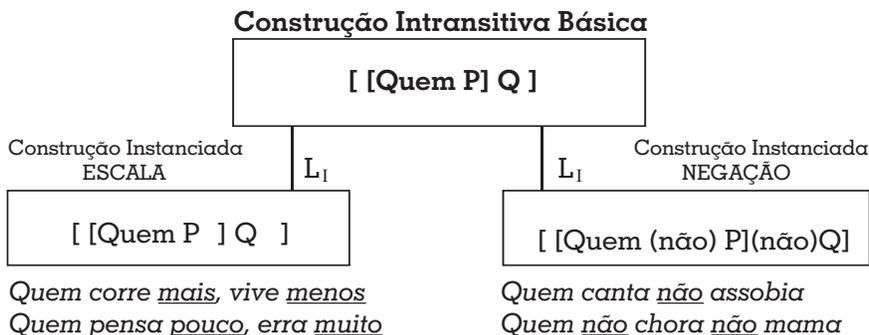


Figura 10: Relação de herança: link por instanciação (GOLDBERG, 1995)

A (re)criação dos provérbios: os idiomas semi-abertos e as desconstruções

As construções proverbiais são (re)criadas, pelo falante, com diferentes propósitos comunicativos, a que chamamos *função conservadora* (típica) ou *função inovadora* (atípica). Na *conservadora*, ele se beneficia da fórmula e do objetivo comunicativo do provérbio (*Quem bate cartão, não vota em patrão*). Na *inovadora*, procura levar o ouvinte a *reavaliar* o provérbio (*Quem espera nunca alcança*). Isto demonstra a não estaticidade e, ao mesmo tempo, a estabilidade da linguagem.

Considerações finais

A relevância do estudo das construções condicionais universais proverbiais, na perspectiva da Teoria da Gramática das Construções e da Hipótese Sociocognitiva de Linguagem, está em inserir o trato dos idiomas em teorias que buscam descrever e explicar a integração conceptual e estrutural das construções lingüísticas, emprestando ao princípio da composicionalidade uma nova visão.

Nessa perspectiva teórica, em que a significação é vista como construção processual, os idiomatismos deixam de ser vistos simplesmente como expressões não-composicionais periféricas ao sistema. Deslocados da periferia para o centro da cena teórica, é possível apontar-lhes a regularidade, a produtividade e a analisabilidade que os define nas redes de construções a que se vinculam. As explicações propostas não consistem em negar a composicionalidade, mas em compreender que o significado sentencial resulta da integração de diversos significados, em um processo cognitivo de mesclagem, processo este que consiste em uma atividade cognitiva profundamente complexa e, ao mesmo tempo, organizada.

JESUS, I. T. Universal conditional constructions of proverbs: a sociocognitive view. *Alfa*, São Paulo, v.49, n.1, p.139-160, 2005.

ABSTRACT: Focusing on limitations imposed by a purely compositional semantics to the constructions of meaning in linguistic expressions, this study describes the network of universal conditional constructions like [Who P, Q], explaining it from the cognitive principle of blending, capable of joining heritages of multiple constructions, besides discussing the productivity of proverbial universal conditional constructions.

KEYWORDS: Idiomaticity; compositionality; proverbial construction; projection; blending; Cognitive Linguistics.

Referências bibliográficas

- CLARK, H. H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 9, p. 49-69, 2000.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FERRARI, L. *Modalidade, condicionalidade e mesclagem no português do Brasil*. Projeto integrado de pesquisa Universidade Federal de Juiz de Fora/CNPq. 2001. (inédito)
- FILLMORE, C. J. *Innocence: a second idealization for linguistics*. Berkeley: Linguistic Society; University of California, 1979.
- _____; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- GIBBS, W. R. Idiomaticity. In: _____. *The poetics of mind: figurative thought, language, and understanding*. New York: Cambridge University Press, 1994. p. 265-318.
- GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. (Org.) *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p.70-97.
- _____. A elaboração da face. In: RUSSO, J. (Org.) *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 76-114.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. (Org.) *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119.
- ILARI, R. *Introdução à semântica*. São Paulo: Contexto, 2001.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of reason, meaning and imagination*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.
- LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- _____.; JOHNSON, M. *Methaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- MANDELBLIT, N. *Grammatical blending: creative and schematic aspects in sentence processing and translation*. 1997. 309f. Tese (Ph.D.) - University of California, San Diego, 1997.
- MARTINS, H. *Metáfora e polissemia no estudo das línguas do mundo: uma aproximação não representacionista*. 1999. 190f. Tese (Doutorado em Linguística e Filologia) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

- MATEUS, M.H.M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- MIRANDA, N. S. *A configuração das arenas comunicativas no discurso institucional: professores versus professores*. 2000. 196f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.
- _____. *Tópicos avançados de gramática e cognição*. In: GRUPO de Pesquisa Gramática e Cognição. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2003.
- SAEED, J. I. *Semantics*. Malden: Blackwell, 1997.
- SALOMÃO, M. M. M. *Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem*. *Veredas*, Juiz de Fora, v.1, n. 1, p. 23-39, 1997.
- _____. *Tópicos avançados de gramática e cognição*. In: GRUPO de Pesquisa Gramática e Cognição. Juiz de Fora: UFJF, 2002.
- _____. *Construções no português do Brasil: integração conceptual na sintaxe e no léxico*. PROJETO integrado de pesquisa , inter-institucional UFJF/CNPq. 2003.
- TAGNIN, S. O. *Expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Ática, 1989.
- TANNEN, D., WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de uma consulta médica. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. (Org.) *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998. p.120-141.
- TURNER, M. *The literary mind*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1996.

Bibliografia Consultada

- FERRARI, L. Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 21-30, 2000.
- GOODWING, C.; DURANTI, A. Rethinking context: an introduction. In: DURANTI, A.; GOODWING, C. (Ed.) *Rethinking context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- SALOMÃO, M. M. M. *O processo cognitivo de mesclagem na análise linguística do discurso*. Projeto Integrado de Pesquisa (CNPq). 1999.
- SEARLE, R. J. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- XATARA, Claudia M. O resgate das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, v. 39, p.195-210, 1995.
- _____. O campo minado das expressões idiomáticas. *Alfa*, São Paulo, v. 42, n. esp., p.145-159, 1998.